

Re-imaginando o divino no mundo *como* ela que muda*

*Carol P. Christ***

RESUMO

Este artigo explora o significado de re-imaginações feministas de Deusa e Deus-Ela. Tira concepções erradas sobre o movimento da Deusa contemporâneo. A Deusa é um símbolo do divino como feminino, e o feminino como a imagem da divindade. A Deusa desafia a imagem de Deus como poder dominador ou poder sobre e as tradições do dualismo e teísmo clássicos, inclusive noções de onipotência, onisciência, imutabilidade e irrelacionalidade divinas. Re-imagina o poder divino como Ela Que Muda e usa um paradigma processual feminista. Poder divino é poder com, não poder sobre, relacionado e envolvido com a vida que muda. A ética brota do sentir os sentimentos de outros seres. O sentido da vida é ser desfrutada.

Palavras-chave: deusa, deus-ela, filosofia do processo, imagem divina, re-imaginação.

* Tradução de Monika Ottermann, bibliista, mestra em Ciências da Religião e assessora do Cebi (Centro dos Estudos Bíblicos). É doutoranda pela Umesp, seu projeto de pesquisa é dedicado ao desenvolvimento da figura da deusa Inana-Ishtar e seu impacto sobre o javismo.

** Carol P. Christ é doutora em filosofia pela Universidade de Yale, Estados Unidos, autora de sete livros sobre feminismo e religião, inclusive *She Who Changes*, *Rebirth of the Goddess*, *Laughter of Afrodite*, *Womanspirit* e *Weaving the Visions* (Ela Que Muda, Renascimento da Deusa, O Riso de Afrodite, Emergência do Espírito de Mulher, e Tecendo as Visões). É pioneira no estudo sobre mulheres e religião, e no movimento contemporâneo da deusa. É diretora do Ariadne Institut for the Study of Myth and Ritual (Instituto Ariadne para o Estudo de Mito e Ritual – www.goddessa.riadne.org) que oferece peregrinações da deusa na Grécia.

Re-imagining the divine in the world as she who changes

ABSTRACT

Explores the meaning of feminist re-imaginings of Goddess and God-She. Clears away misconceptions about the contemporary Goddess movement. Goddess is a symbol of the divine as female and the female as the image of divinity. Goddess challenges the image of God as dominant power or power over and the traditions of classical dualism and classical theism, including notions of divine omnipotence, omniscience, unchangingness, and unrelatedness. Re-imagines divine power as She Who Changes, using a feminist process paradigm. Divine power is power with, not power over, related and involved in changing life. Ethics stems from feeling the feelings of others. Life is meant to be enjoyed.

Keywords: goddess, god-she, process philosophy, divine image, re-imagination.

Re-imaginando lo divino en el mundo como ella que cambia

RESUMEN

Este artículo explota el significado de re-imaginaciones feministas de Diosa y Dios-Ella. Clarifica concepciones equivocadas sobre el movimiento contemporáneo de la Diosa. La Diosa es un símbolo de lo divino como femenino y lo femenino como la imagen de la divinidad. La Diosa desafia la imagen de Dios como poder dominador o poder-sobre y las tradiciones del dualismo clásico y del teísmo clásico, incluso nociones de omnipotencia, omnisciencia, inmutabilidad e irrelacionalidad divinas. Re-imagina el divino como Ella que cambia y usa un paradigma procesal feminista. Poder

divino es poder-con, no puede ser poder-sobre, relacionado y involucrado en la vida que cambia. La ética brota del sentir los sentimientos de los otros seres. El sentido de la vida es que sea disfrutada.

Palabras-claves: diosa, dios-ella, filosofía del proceso, imagen divina, re-imaginación.

Minha atuação nas áreas do feminismo e da religião tem sido moldada pela convicção de que nós – mulheres, homens, e todas as coisas vivas – precisam da Deusa. Eu acredito que a palavra “Deusa” pode e deve ser pronunciada onde quer que feministas se engajem na re-imaginação da religião. Em suas formas mais radicais, re-imaginações feministas de Deus, como Ela, como Sofia e Shekinah em contextos judeus e cristãos, têm muito em comum com re-imaginações feministas da Deusa no movimento da Deusa. No entanto, quando a palavra Deusa não pode ser pronunciada, as condenações bíblicas e tradicionais de deusas e do paganismo são deixadas intatas e não criticadas.¹ E, assim, o poder pleno do divino como feminino não será expressado.

A Deusa é um símbolo do divino como feminino e, portanto, do feminino como divino ou dentro da imagem do divino. Como mostrei no meu ensaio amplamente reimpresso, *Why Women Need the Goddess*, e, depois, no livro *Rebirth of the Goddess*, re-imaginar o poder divino como Deusa tem importantes conseqüências psicológicas e políticas.² A primeira e mais importante

delas é que o símbolo da Deusa afirma a legitimidade e beneficência do poder feminino, inclusive a vontade feminina e o corpo feminino. Isso é decisivo, psicológica e politicamente, para mulheres que foram criadas em culturas nas quais nos ensinaram que sempre devemos ser subservientes ao poder masculino – na família, na sociedade, no mundo. Como Mary Daly observou com tanta competência, quando Deus é imaginado exclusivamente como masculino, então o masculino é Deus³. Se mulheres querem ganhar o poder para resistir contra nossa opressão, então, precisamos, como o expressa Alice Walker, tirar o velho homem branco dos nossos olhos e de nossas mentes-corpo. A santificação acrítica provocada pela morte de João Paulo II, tanto nos âmbitos religiosos quanto seculares, testemunha o fato de que a mistificação do poder masculino dominador continua moldando as sociedades nas quais vivemos.⁴

Re-imaginar o divino como feminino não substitui simplesmente o Deus exclusivamente masculino por um exclusivamente feminino, nem patriarcado por matriarcado. Re-imaginações feministas de Deus desafiam todas as imagens e compreensões do poder divino como dominação ou poder sobre, renomeando o poder divino como poder com, como inspiração, simpatia e amor. Isso significa que devemos questionar os modos pelos quais o poder divino foi tradicio-

1. Em março de 2005, fui proibida de falar pelo Cardeal Pell de Sidney, Austrália, alegando que não era apropriado falar de “deusas e paganismo” em solo católico. Cf. Sydney Morning Herald, “Pell Put Muzzle on Scholar, Say Feminists” [Pell coloca a mordaza em cientista, dizem as feministas], 9 de março de 2005, p.3.

2. *Why Women need the Goddess* [Por que mulheres precisam da Deusa] foi originalmente apresentado em um pequeno seminário durante o Encontro da *American Academy of Religion* em 1977, e, depois para uma multidão de mais de 500 pessoas na *Great Goddess Re-emerging Conference* [Conferência “A Grande Deusa Re-emergindo”], na Universidade de Santa Cruz, na primavera de 1978. Foi publicado primeiro em *Heresies 5* (1978), e reimpresso no meu livro *Womanspirit Rising*, São Francisco: Harper and Row, 1979, p. 279-300, do qual foram vendidas mais de 100

mil cópias; em *The Politics of Women's Spirituality* do qual foi, provavelmente, vendido, pelo menos o mesmo número de exemplares e em muitas outras antologias. [Publicação em espanhol: Por que las mujeres necesitan de la Diosa. In: *Del Cielo a la Tierra* – una antología teológica feminista. Chile, 1994]. Esse ensaio e outros estão facilmente disponíveis; não existe razão intelectual válida para a repetida declaração de que o movimento da Deusa fosse a-político. Cf. também *Rebirth of the Goddess* [Renascimento da Deusa].

3. Daly (1973).

4. Na Grécia, onde estou vivendo, as notícias de televisão cobriram em detalhes excruciantes a agonia, morte, velório e enterro do papa, sempre seguido por alguém dizendo que grande papa ele era, e nunca mencionando que foi sob o governo dele que a pergunta da ordenação de mulheres foi descartada, que ele abafou dissidentes e encheu o colégio dos cardeais com homens que só dizem “Sim!”, ou que ele se opôs à homossexualidade etc.

nalmente compreendido como poder onipotente, onisciente, imutável, insensível e não-relacional. Além disso, imagens tradicionais de Deus como masculino têm sido compreendidas por meio de dualismos nos quais um Deus masculino foi identificado com o imutável, o racional, o consciente, a alma, o absoluto e o infinito, enquanto a feminilidade (e pecado) foi identificada como o mutável, o irracional, o inconsciente, o corpo, a finitude e a natureza. Desse modo, quando re-imaginamos o divino como feminino, começamos a re-imaginar o “outro menosprezado” – não somente o feminino, mas, também, o mutável, o não-racional, o corpo, a finitude e a natureza – como parte do divino. Isso não significa que os velhos dualismos simplesmente fossem invertidos, e que assim qualquer valor positivo associado com a masculinidade ou a racionalidade fosse negado. Defender imagens femininas para o poder divino também não significa que não há lugar para imagens (não-dominadoras) de Deus como masculino, na oração e em celebrações de comunidades de gênero mistos. No meu livro recentemente publicado, *She Who Changes* (Christ, 2003), eu mostro como um paradigma processual feminista – baseado nas conceituações da filosofia de processo – pode nos ajudar na tarefa de re-imaginar o divino no corpo feminino e no mundo. Mas, antes de eu passar para esse assunto, é importante resolver uma série de mal-entendidos que parecem irromper sempre que a espiritualidade da Deusa é discutida.

É dito, freqüentemente, que concentrar a atenção na mudança de nossas imagens do poder divino é o privilégio de mulheres brancas da elite que têm o tempo e a energia para lidar com assuntos chamados “psicológicos”. Mulheres pobres e mulheres não-brancas, se diz, às vezes, não têm o tempo para se dedicar a assuntos “psicológicos”; elas precisam se concentrar na sobrevivência e na resistência “política” contra fontes mais óbvias de opressão. No entanto, a primeira vez que ouvi falar de Deus imaginado como feminino foi nas palavras de uma mulher negra, na peça de Ntozake Shange (1976, 63),

Play for colored girls who have considered suicide when the rainbow is enuf [Peça para meninas negras que consideraram o suicídio quando o arco-íris é ‘suficiente’]. Essa mulher tinha acabado de contar o assassinato de seus filhos e filhas pelo pai que os segurou do lado de fora da janela e que ameaçou soltá-las se ela não o aceitasse de volta. Shange foi criticada por levantar assuntos que poderiam dividir a comunidade negra naquela época quando (assim foi dito) ela precisava se manter unida contra o racismo da sociedade branca. Suponho que Shange não deixou de estar ciente dessa possível crítica de sua obra quando ela optou por contar uma “história de uma menina negra”, da maneira mais verídica possível. Shange sentiu que a libertação de mulheres negras dependia de sua libertação como negras da mistificação do poder masculino que fazia parecer certo que elas estavam sofrendo abusos de homens. Ela também sentiu que re-imaginar o divino em um corpo feminino negro – nas palavras dela, “Eu encontrei deus dentro de mim, e eu a amei / eu a amei fervorosamente” – ajudaria as mulheres negras a ganhar poder e controle sobre seus próprios corpos e suas próprias vidas. Audre Lorde invocou em sua poesia deusas africanas como símbolos do poder feminino negro⁵. Walker (1997, 25-6) se auto-identificou como uma pagã que cultua a Mãe Terra. Em *The Color Purple* [A Cor Púrpura], ela mostrou como a imagem que Celie tinha de Deus, como um velho homem branco contribuiu para ela aceitar ser abusada (WALKER, 1983). Como Shange, também Walker foi acusada de dividir a raça quando mencionava o abuso de mulheres negras por homens negros. A definição corajosa de Alice Walker de *womanismo* [mulherismo] inspira a teologia *womanista* [mulherista], contudo, a integração de um Deus feminino e do paganismo de Walker é apagada quando é declarado que “a Deusa” é um assunto “psicológico” que é relevante exclusivamente para mulheres brancas.

5. Verifique De Veaux, 2004.

Em um mundo onde mulheres e meninas de todas as cores e quase todas as culturas sofrem incesto, espancamento, estupro, contaminação involuntária com aids e assassinato por homens, a cada minuto de cada dia, desafiar a mistificação do poder masculino pode ser somente um assunto de mulheres brancas? Em um mundo onde um presidente branco masculino, cristão dos Estados Unidos colabora com a hierarquia masculina da Igreja Católica Romana e com os clérigos masculinos tradicionais muçulmanos para negar o controle da natalidade e o acesso ao aborto a mulheres pobres no mundo todo, desafiar a mistificação do poder masculino, inerente em imagens de Deus, poder ser somente um assunto psicológico? Em um mundo onde líderes cristãos, judeus e muçulmanos levantam o grito de guerra “em nome de Deus”, desafiar a mistificação do poder como dominação, inerente em imagens de Deus, poder dizer respeito somente a mulheres brancas? Em um mundo que está à beira da destruição nuclear e ecológica, re-imaginar o divino no mundo pode ser somente um assunto psicológico?

Re-imaginar a imagem masculina de Deus como feminina é desafiar a hegemonia do poder masculino como dominação ou poder sobre – um poder que é exercido sobre mulheres, homens e outros seres na rede da vida. Criar alternativas para a imagem do poder masculino como dominação é um assunto profundamente político que é pertinente a todas as mulheres de todas as cores e todas as culturas – e a homens e a todas as coisas vivas. A imagem de Deus como um outro masculino dominador funciona para fazer a dominação masculina parecer a forma mais natural de poder. Assim não é surpreendente que imagens feministas de Deusa e Deus-ela [*God-she*] provoquem resistência dentro de cada comunidade na qual são introduzidas. Questionar o Deus-ele [*God-he*] é tirar o véu que encobre a mistificação do poder masculino. Para a maioria das pessoas, tanto mulheres quanto homens, pessoas ricas quanto pobres, isso será profundamente ameaçador.

De fato, por mais que se tenha dito que a Deusa é um assunto de mulheres brancas em igrejas e sinagogas brancas nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia – inclusive a maioria das que têm ministras e rabinas – Deus é invocado como masculino, como Pai, Senhor, e Rei.⁶ Nas igrejas e sinagogas mais liberais evita-se, talvez, onde for possível, o onipresente “Deus-Ele”, mas existem poucas congregações nas quais imagens positivas do divino como feminino – Deus-Ela, Deus-Sofia, Deus-Shekinah, Deus a Mãe, Deus a Filha, Deus a Irmã, para nem falar de Deusa – podem ser invocadas regularmente. Por que isso? Eu sugiro que seja porque as imagens de Deus-Ela e Deusa são profundamente irritantes para o atual estado de dominação masculina que ainda está viva e está bem nas instituições religiosas e nas sociedades maiores nas quais estão inseridas. É claro que homens que se sentem à vontade com a mistificação do poder masculino, que justifica sua própria assunção regular ou ocasional de papéis e comportamentos dominadores na família e na sociedade, sentirão um desafio imediato. Mas isso vale também para mulheres que vivem dentro de relações que dependem do não desafiar – ou não desafiar abertamente – a mistificação do poder masculino na família e na sociedade que lhes permitem “manter seus homens” e “mantê-los felizes”. Além disso, e talvez até mais irritante para hábitos tradicionais de pensamento, uma vez que começamos a imaginar alternativas para Deus como um outro dominador, começamos a questionar suposições acerca da onipotência divina.⁷ Mas, se Deus não for

6. “A maioria das rabinas e ministras religiosas..., por causa da paz dentro de suas congregações, encontra-se na situação de poder fazer somente ajustes secundários ao tradicional modelo patriarcal de Deus, mantido pela maioria das pessoas que pertencem a sua congregação.” Minhas discussões com mulheres judias e cristãs confirmam isto (Raphael, 1999: 52).

7. Discuto onipotência como um erro teológico inspirado pela noção de Deus como um outro masculino dominador em *She Who Changes*.

onipotente, existe alguém individual que “mantém o controle” sobre o mundo? E se não, quem nos salvará de nós mesmos/as – ou, talvez mais acen-tuadamente, de George Bush e seus camaradas? Pois quando não podem ser invocadas Deus-ela e a Deusa em celebrações cristãs e judaicas, por essas e outras razões, então, penso eu, essas religiões continuam perpetuando a mistificação do poder masculino dominador.

A idéia de que a Deusa é um assunto de mu-lheres brancas pode ter sua fonte em um fato sociológico. O movimento da Deusa começou, e por negligência tem continuado – porque seus *insights* não foram aceitos em instituições reli-giosas ou na academia – como um movimento de base e movimento feminista contracultural. Imagens da Deusa criaram raízes nos corações e nas mentes de centenas de milhares de mulheres e de alguns homens que têm lido livros de teologia feminista e de teologia (publicados principal, mas não exclusivamente, em inglês nos últimos 25 anos), e que têm participado no movimento da Deusa inspirado por eles (que é mais forte em países de fala inglesa, inclusive Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia). É verdade que as mulheres que consideram a si mesmas parte desses movimentos tendem a ser razoavelmente bem formadas e são principal – mas não exclusivamente – brancas. Dizer que o movimento da Deusa é só branco ignora a participação de mulheres não-brancas desde seus inícios.⁸ O número maior de mulheres brancas no movimento pode ter a ver mais com as condições

8. O grupo de Deusa do qual participei durante uma década, no fim dos anos 70 e início dos anos 80, foi co-liderado por E. Carmen Torres e, freqüentemente, visitado por um famosa ecofeminista negra. Cf. também *Sojourner*, 1995; Teish, 1985; Teish, 1994; Allen, 1986; Hucks, 2001. Cf. também Razak, 2002 e Haruach, 2002, apresentados nas reuniões de 2002 da American Academy of Religion; a fundação de um movimento de Deusa na Coréia por Chung Hyun Kyung depois da publicação de vários livros sobre a Deusa publicados em coreano, também discutido na American Academy of Religion em 2002 AAR; a nova coluna na revista *Sage Woman* por Stephanie Rose Bird; artistas como Earthlyn Manuel e AfraShe Asungi.

de acesso do que com qualquer outra coisa. Feministas da Deusa não são necessariamente de classe média, se isso significa que todas elas tivessem carreiras nas quais ganham muito di-nheiro, embora a maioria esteja vivendo acima do nível da pobreza.⁹ Sendo que ele celebra o poder feminino, o movimento da Deusa é atraente para lésbicas, mas também para outras mu-lheres, tanto casadas como não, para todas que se livraram ou estão se livrando da mistificação do poder masculino.

A espiritualidade contemporânea da Deusa é freqüentemente criticada por não fornecer papéis para homens ou um imaginário masculino do divino. No entanto, existem grupos feministas da Deusa – inclusive o movimento *Reclaiming* (Reivindicando) fundado por Starhawk e outras – que estão abertos a homens e que têm re-imaginado um imaginário masculino para o divino¹⁰.

Por outro lado, muitas mulheres praticam a espiritualidade feminista da Deusa em grupos que só admitem mulheres e que usam exclusiva, ou principalmente, o imaginário feminino para o poder divino. Não obstante, a maioria das mulheres em tais grupos não tem nenhuma antipatia particular contra homens como tais – muitas delas estão ou estavam casadas ou têm amantes masculinos ou filhos. Nem acreditam elas que o culto da Deusa deve excluir homens sempre e em todos os lugares. No melhor de todos os mundos possíveis, todas e todos nós seríamos feministas, e imagens da Deusa como também imagens não dominadoras de Deus se-riam amplamente aceitas. Como no caso do movimento *Womanchurch* (Igreja da Mulher), o separatismo do movimento da Deusa é, em sua maior parte, antes prático do que ideológico: muitas vezes, mulheres sentem que é mais fácil explorar e expressar suas espiritualidades emer-gentes junto a outras mulheres feministas.

9. Starhawk afirma que muitos membros do movimento *Reclaiming* devem ser consideradas de classe média baixa; cf. Marguerite Rigoliosso, *Interview with Starhawk*, *Feminist Theology* 13/2, 178.

10. Verifique www.reclaiming.org.

Não é verdade (como é freqüentemente alegado) que as mulheres que participam do movimento da Deusa – em grande parte brancas – são a-políticas, contentes em colher (como poderíamos dizer) as recompensas da supremacia branca e do colonialismo. Muito ao contrário, Starhawk, a mais bem conhecida defensora da Deusa do século XX, é também uma líder do movimento contra a globalização, enquanto Charlene Spretnak é uma líder do movimento político Verde dos Estados Unidos¹¹. Outros membros do movimento da Deusa militam em prol de uma ampla variedade de causas feministas, sociais e de justiça ecológica¹².

Também não é verdade (como às vezes é declarado) que a “Deusa é branca”. Embora alguns membros do movimento de Deusa tivessem focado Deusas célticas, gregas ou da antiga Europa, tradições da Deusa podem ser encontradas em cada país: Deusas são brancas, negras, morenas, amarelas e vermelhas. Muitas mulheres brancas têm explorado Deusas ou tradições não-brancas, enquanto outras, com a devida cautela para não cometerem uma apropriação colonialista, apóiam e procuram aprender de mulheres não-brancas que resgatam tradições da Deusa enraizadas em suas próprias culturas.

O *fato sociológico* de que as participantes do movimento da Deusa são principalmente brancas, com formação razoável e não vivendo abaixo do nível da pobreza, não deveria ser usado para fazer pensar que a Deusa não possa ter sua relevância para mulheres pobres ou para mulheres de cor. Por que será que esse fato sociológico tem sido interpretado tão freqüentemente para sugerir que Deusas fossem exclusivamente “coisa de mulher branca”? Será que isso acontece porque, como escreveu Judith Plaskow (1983, 230) “A funda resistência provocada quando ela [a Deusa] é nomeada, indica que ainda sentimos as necessidades às quais ela respondeu.” Em outras palavras, será que dispensar o movimento da Deusa

como branco e de classe média é um modo para evitar o desafio que a imagem da Deusa representa para as mistificações do poder masculino que *continua funcionando* de maneiras reconhecidas e não reconhecidas dentro do cristianismo e do judaísmo? E, se isso for o caso, será que uma dimensão radical desse desafio feminista para as religiões tradicionais é evitada? A que custo?

Dentro dos sistemas ocidentais, na antigüidade tardia e no cristianismo, influenciados pelo patriarcado, deusas foram identificadas exclusivamente com fertilidade e reprodução. É difícil ir além desse conjunto de conceitos porque tem raízes tão profundas. No entanto, ele diminui os poderes que deusas tinham antigamente. Como mostrou Marija Gimbutas, em culturas pré-patriarcais, deusas eram simbólicas para todos os poderes criativos no universo, não somente para o poder de fazer nascer crianças e colheitas, também para a criatividade que levou à invenção da agricultura e da tecelagem, do fazer objetos de cerâmica, poesias e cânticos, e à própria arte de escrever¹³. Alguns defensores não-feministas da re-emersão da Deusa (inclusive Jung e alguns dos seus seguidores) identificaram-na principalmente com o lado “negativo” ou menosprezado dos dualismos clássicos, como corpo, natureza, inconsciente. Alguns jungianos consideram, até hoje, a consciência racional como “masculina” e o inconsciente como “feminino.” Em contraste, feministas da Deusa chamam por uma transformação de hábitos dualistas de pensamento, criticam todas e quaisquer compreensões do poder divino como poder sobre, e defendem o pensamento encarnado [*embodied*] (que inclui tanto elementos racionais quanto elementos diferentes dos racionais)¹⁴.

Infelizmente, esses argumentos (que eu e muitas outras têm apresentado ao longo de mais de 25 anos) ainda precisam ser repetidos quase cada vez que falamos a outras feministas sobre a

11. Verifique Starhawk (2003); Capra & Spretnak (1984).

12. Verifique Rountree (2003).

13. Verifique Gimbutas (1983).

14. Verifique Christ (1998).

Deusa. Muitas críticas ao movimento da Deusa são sempre de novo repetidas por feministas cristãs, judias e seculares, sem o reconhecimento ou o aparente conhecimento de que algumas delas são objetivamente inverídicas (por exemplo, que feministas da Deusa não são políticas) ou de que outras foram respondidas sempre e sempre de novo (por exemplo, que o feminismo da Deusa substitui um Deus masculino dominador por uma Deusa feminino dominadora). O fato desses mal-entendidos não serem resolvidos de uma vez por todas é um indício dos poderes profundos e, às vezes, não reconhecidos que ideologias dominadoras têm para (de)formar a compreensão e para amoldar nossas conversações feministas.

No meu livro *She Who Changes*, eu exploro as implicações mais profundas de re-imaginar Deus-Elle como Deus-Ela e Deusa, por meio de um paradigma processual feminista. A filosofia do processo, associada com Alfred North Whitehead e Charles Hartshorne, é de relacionamento e de vida que muda, que oferece uma atraente alternativa para modos de pensamento enraizados no dualismo clássico. O re-surgimento da Deusa e de Deus-Ela apresenta um desafio radical para aquilo que Hartshorne chama os seis erros teológicos do teísmo clássico. Acredito que uma das razões que teólogos/as e filósofos/as, na maioria das vezes, não questionarem as noções do poder masculino como dominação, inerente às imagens de Deus como um Senhor, um Rei, ou um Pai patriarcal, é porque a tradição conhecida como teísmo clássico fornece uma justificação filosófica para entender o poder divino como ilimitado – o que faz, em troca, imagens masculinas dominadoras de Deus parecerem naturais e inevitáveis.

No “teísmo clássico,” assim chamado porque suas idéias de perfeição são tiradas da filosofia “clássica” (especialmente de Platão, Aristóteles e dos neo-platônicos), o poder perfeito é imaginado como poder absoluto e ilimitado. O que é perfeito também deve ser imutável, porque mudar é tornar-se mais ou menos perfeito. O que é imutável também não pode ser relacionado com

nenhuma outra coisa ou outro ser, porque estar relacionado significa mudar, e mudar é ser imperfeito. Portanto, Deus não pode estar relacionado (e isso limita o poder de Deus) com o mundo ou suas criaturas. Então, como Charles Hartshorne o coloca sucintamente, o poder de Deus é visionado como o poder de um tirano que não precisa levar em conta qualquer das necessidades dos seus súditos.

A maioria das teologias cristãs e muitas teologias judaicas podem ser compreendidas como tentativas de interpretar o Deus da Bíblia como Senhor, Rei e Pai, por meio da lente das compreensões clássicas de poder e perfeição. De fato, elementos desse tipo de pensamento encontram-se na maioria das teologias. Isso não significa que teólogos/as dentro da tradição clássica não falassem também de Deus como amor. Para eles/as, porém, o amor de Deus é mais difícil a ser explicado que o poder dele, e o amor de Deus para com o mundo é sempre subordinado ao seu poder terrível e ilimitado.

Hartshorne¹⁵ identifica os seis erros teológicos comuns do teísmo clássico como: Deus é perfeito e por isso imutável, é onipotente, é onisciente, sua bondade é insensível, a imortalidade é uma carreira pós-morte e a revelação é infalível. Esses erros teológicos derivados da filosofia clássica estão incorporados na imagem comum de Deus como um velho homem branco sentado em um trono. Presume-se que noções da onipotência e onisciência de Deus são parte do quadro comum, como é a fé na imortalidade e na revelação infalível. De fato, essas idéias são amplamente aceitas e não criticadas. Não obstante, a idéia da bondade insensível de Deus e a idéia de que Deus não está verdadeiramente relacionado com o mundo ou afetado por ele parecerão prova-

15. Hartshorne (1987, 168) elenca os seguintes teólogos entre os que são exemplos desta tendência: Filão de Alexandria, um teólogo judeu do século I EC, teólogos cristãos antigos como Agostinho e Anselmo, o teólogo islâmico al-Ghazali (1058-1111 EC), o teólogo cristão medieval Tomas de Aquino, os reformadores protestantes Lutero e Calvino, e, mais recentemente, os filósofos Descartes, Leibniz, Kant (em sua Ética), e o teólogo estado-unidense Jonathan Edwards. Ele acrescenta: “A lista poderia ser muito comprida.”

velmente estranhas, pois tradicionalmente entende-se que Deus se preocupa com o mundo. Entretanto, teólogos/as do passado e do presente têm argumentado, incredivelmente, que Deus não pode verdadeiramente amar o mundo, porque qualquer forma de relacionamento, inevitavelmente, limitaria seu poder. A noção de que Deus é mais poderoso do que bom é tida como natural por tantas pessoas que ela pode se infiltrar até mesmo em concepções feministas da divindade.¹⁶ Somente clareza e vigilância vão nos proteger de uma recaída inconsciente e despercebida em padrões familiares quando re-imaginamos Deus.

No meu último livro, eu re-imagino o divino no mundo como *Ela Que Muda*,

Ela muda tudo Ela toca e tudo que Ela toca muda. O mundo é o corpo Dela. O mundo está nEla e Ela está no mundo. Ela nos cerca como o ar que respiramos. Ela está tão perto de nós como nossa própria respiração. Ela é energia, movimento, vida, e mudança. Ela é o chão de liberdade, criatividade, simpatia, entendimento e amor. NEla vivemos e nos movemos e co-criamos nosso ser. Ela sempre está presente para todos e todas, cada um e cada uma de nós, partículas de átomos, células, animais, e animais humanos. Aos olhos dEla, todos e todas somos preciosos e preciosas. Ela nos entende e se lembra de nós com infinita simpatia. Ela nos inspira a viver em criatividade, alegria, e em harmonia com os outros seres na rede da vida. Porém, a escolha é nossa. O mundo que é o corpo dEla é co-criado. As escolhas de cada partícula individual de um átomo, de cada célula individual, de cada animal individual, de cada animal humano individual fazem parte. A aventura da vida no planeta terra e no universo como um todo será ampliado ou diminuído pelas escolhas que fazemos. Ela ouve os gritos do mundo, compartilhando nossas preocupações com infinita compaixão. Com uma voz silenciosa, pequena, Ela sussurra o desejo do coração dEla: a Vida deve ser desfrutada. Ela coloca diante de nós a vida e a morte. Podemos escolher a vida. Mudança existe. Toque existe. Tudo que tocamos pode mudar (Christ, 2003)¹⁷.

16. Algumas compreensões da teologia da libertação perpetuam a noção de Deus como um outro dominador (e guerreiro). Algumas concepções da Deusa A imaginam como tendo determinado tudo o que acontece no mundo, ou seja, como um outro dominador e como onipotente.

17. Esta descrição de Ela Que Muda é criada em contraste com a imagem de Deus como um Velho Homem Branco no capítulo um. Ecos da Bíblia, de um cântico cristão de escola dominical, da invocação de Kwan Yin, e da canção *Reclaim'ng* são intencionais.

Essa imagem de Ela Que Muda é uma invocação, uma oração conscientemente condicionada pelo paradigma processual feminista, da mesma maneira como imagens tradicionais de Deus estão condicionadas pelas suposições do dualismo clássico e teísmo clássico. Eu prefiro invocar o poder divino e rezar a Ele como “Ela” ou “Deusa”, para quebrar a influência preponderante das imagens de Deus-Ele em indivíduos (inclusive em mim) e culturas amoldadas pela Bíblia. Mas, quando estou falando filosoficamente sobre o poder divino como eu o entendo, uso o termo inclusivo “Deusa/Deus”, porque sei que o poder divino é inclusivo a respeito do masculino e feminino – e todos os outros seres e coisas que existem.

A imagem de Ela Que Muda desafia a religiosidade tradicional e as tradições filosóficas usadas para explicá-la e justificá-la. Enquanto o teísmo clássico começa com uma negação do valor da vida mutável, a filosofia do processo afirma que mudança é aquilo que é inerente de toda vida individual no universo, em todo momento, e que mudança é a natureza do processo evolucionário da vida como um todo. Os seres humanos não foram criados como um meio termo entre animais e anjos, como afirma o teísmo clássico. Nós evoluímos por um processo de mudança dentro da rede da vida, compartilhando a capacidade de sentir e de sentir os sentimentos de outros, e de exercitar uma liberdade criativa com todos os outros seres individuais – divinos, humanos, e não-humanos.¹⁸ Deusa/Deus muda com as experiências de cada indivíduo no mundo em mudança que é o corpo divino, permanecendo imutável somente em um aspecto: Deusa/Deus vai se relacionar com o mundo, sempre e em todo lugar, com criatividade, simpatia e amor.

O teísmo clássico considerou o relacionamento uma limitação e visionou viver sozinho ou à

18. A noção de que a habilidade de sentir, e de sentir, de certa maneira, os sentimentos de outros seres, pode ser encontrada em toda a rede da vida até nas partículas menores de um átomo, é central na filosofia do processo.

parte de outros como o estado mais perfeito, tanto para a divindade quanto para a humanidade. A filosofia do processo afirma o toque ou a relação como fundamental para toda a vida, inclusive a vida divina. A filosofia do processo compreende Deusa/Deus como o mais relacional de todos os seres relacionais, o poder mais simpático de todos os poderes simpáticos no universo. No teísmo clássico, o poder divino é ilimitado. Um Deus onipotente mantém o controle do mundo; tudo – até o que parece ser mal – acontece de acordo com o desígnio e o propósito divinos. A filosofia do processo diz que o poder de Deusa/Deus é poder com, não poder sobre. A afirmação do poder absoluto e ilimitado de Deus cria o problema do mal: como é que um Deus bom e amoroso pode permitir que existe tanto sofrimento? A filosofia do processo responde que Deusa/Deus não criou o sofrimento. O mundo é co-criado por cada indivíduo que nele existe. A morte faz parte da vida, mas muito daquilo que conhecemos como sofrimento é criado por seres humanos. Deusa/Deus está conosco em nosso sofrimento e inspira nossos esforços para diminuí-lo ou transformá-lo. O teísmo clássico afirma que a meta da vida humana é subir acima do corpo mutável e compartilhar a vida imortal de Deus. A filosofia do processo nos pede desfrutar a vida finita e mutável que termina em morte.

É dito que o Deus onipotente do teísmo clássico é o autor de revelação infalível, dada na forma de textos, ensinamentos, tradições ou indivíduos inspirados. A filosofia do processo, em contraste, diz que todo saber humano é encarnado [*embodied*] e inserido [*embedded*] no mundo – e que ele sempre será fragmentário e em processo. O teísmo clássico afirma que um Deus onisciente já sabe o destino do universo. A filosofia do processo nos pede considerar que o futuro do universo é desconhecido até mesmo para Deusa/Deus. Embora amoldado pelo passado, o futuro também será amoldado pelas escolhas de uma miríade de vontades individuais.

Isso significa que o resultado de esforços morais humanos para salvar ou melhorar o mundo não pode ser garantido. A razão para a esperança é o processo criativo de fim aberto da própria vida que é apoiada e é sustentada por Deusa/Deus.

Desse modo, a filosofia do processo oferece a feministas uma alternativa metafísica bem pensada para o pensamento dualista e o teísmo clássico. Muitas feministas já têm se movido na direção de afirmar os valores de processo do relacionamento e da mutualidade e afirmam, como a filosofia do processo, corpos – humanos, divinos e todos os outros – como a presença do divino no mundo. A filosofia do processo compartilha com a teologia e teologia feminista um interesse comum em restabelecer o corpo e o corpo do mundo, menosprezado e negado no teísmo clássico. O que a filosofia do processo frequentemente deixou de reconhecer é que restabelecer o corpo e o corpo do mundo tem enormes consequências para mulheres. Um paradigma processual feminista tornará o *insight* feminista uma parte integrante do pensamento processual, assegurando que filósofos do processo entendam o corpo, o corpo do mundo e o corpo divino em termos físicos e não simplesmente como conceitos metafísicos.

Enquanto algumas feministas estão contentes em elaborar novos modos de re-imaginar o divino no mundo sem recorrer à metafísica, eu acredito que as feministas precisam da metafísica – de compreensões feministas compreensíveis do mundo e do nosso lugar humano nele. Caso contrário, nossos *insights* correm o risco de simplesmente serem uma coleção de intuições e afirmações refutadas (mais ou menos facilmente). A filosofia do processo pode nos ajudar a ver que nossas intuições e afirmações estão interconectadas e que elas pertencem juntas a uma cosmovisão. Além disso, se não criamos alternativas bem pensadas para as suposições há muito existentes do dualismo clássico e teísmo clássico, teremos de reinventar o mundo toda vez que abriremos nossas bocas. Ao contrário de muitos

outros sistemas metafísicos, a filosofia do processo afirma finitude, mudança e a fragmentariedade de toda visão humana – assim, está inerentemente aberta à correção a partir de uma variedade de perspectivas, inclusive perspectivas de feministas.

Mas o que a filosofia do processo tem para oferecer às pessoas pobres que colocaram sua esperança no poder de Deus que vai derrotar seus opressores? Essa esperança é realista somente se entendermos o poder de Deus como poder sobre em vez de poder com. Como mostro no meu livro, o poder para intervir na história com um braço poderoso não é o tipo de poder que Deusa/Deus tem. Deusa/Deus está com as pessoas pobres e oprimidas em seu sofrimento. Deusa/Deus quer que todos e todas nós desfrutemos da vida e que aumentemos as possibilidades de outras pessoas desfrutarem dela. Deusa/Deus está sempre nos persuadindo a co-criar um mundo mais cheio de alegria para todas as pessoas e todos os seres na rede da vida. Esse é o poder libertador de Deusa/Deus. Deusa/Deus pode nos empoderar para mudar o mundo, mas Deusa/Deus não pode mudá-la para nós. A longo prazo, entender o poder divino como poder com pode ser mais libertador do que a esperança que um outro dominador virá na glória para destruir os maus e vingar os oprimidos.

Construindo sobre histórias bíblicas nas quais Deus age para castigar os maus e libertar os oprimidos, alguns teólogos/as da libertação falam da preocupação de Deus com as pessoas que estão sofrendo, como uma “opção preferencial” pelos pobres. Muitas feministas cristãs falam da “opção preferencial” de Deus pelas mulheres, especialmente pelas mulheres pobres, as mais pobres de todas as pessoas pobres.¹⁹ Pode a filosofia do processo afirmar a opção preferencial de Deus pelas mulheres pobres? A resposta para

essa pergunta é “sim” e “não.” Deusa/Deus compartilha o sofrimento das mulheres pobres e deseja profundamente sua libertação. Porém, a idéia de que Deus tem uma opção preferencial pelos pobres é uma extensão da idéia bíblica da “eleição divina.” Essa idéia é expressada na Bíblia como a noção de que Deus escolheu a nação hebréia entre todas as nações do mundo, para ser o povo especial dele. Na compreensão de muitos/as cristã(o)s, Deus escolheu, depois, as pessoas cristãs para levar a cabo sua missão no mundo. Para muitas pessoas americanas [nota da tradutora: entende-se “estado-unidenses”], Deus escolheu, mais tarde, as pessoas americanas [estado-unidenses] para trazer liberdade e democracia para o mundo. O Islã tradicional alega que as pessoas que seguem o Alcorão são as escolhidas de Deus.

A noção da seleção divina foi criticada em muitos contextos – e o uso que é feito dela por pessoas cristãs, judias e muçulmanas no Oriente Médio, hoje em dia, deveria nos levar a questioná-la novamente. Vendo seu próprio grupo como escolhido por Deus cria sentimentos de superioridade nacional, étnica e religiosa, alimenta a ignorância e intolerância e abafa a crítica e autocrítica. Ainda não foi adequadamente compreendido que a noção da “opção preferencial” de Deus pelos pobres surge da idéia da eleição divina e a perpetua. Naomi Goldenberg mostrou que feministas cristãs usam, às vezes, a noção da opção preferencial de Deus pelos pobres para afirmar a superioridade moral e intelectual das suas próprias versões do feminismo cristão²⁰. Eu não acredito que precisamos falar de qualquer tipo de preferência divina para afirmar que Deusa/Deus se preocupa profundamente com as pessoas que estão sofrendo e deseja demasiadamente sua libertação. A filosofia do processo entende que a simpatia de Deusa/Deus é suficientemente ampla e profunda para abraçar o mundo inteiro. A noção de que Deus prefere um

19. Essa visão é muito difundida e pode ser encontrada nos trabalhos de Elisabeth Schüssler Fiorenza e de Rosemary Radford Ruether, entre muitas outras.

20. Verifique Goldenberg (sd.: 203-211).

grupo de outros já nos trouxe bastante desgraça. Não posso imaginar por que feministas queriam perpetuá-la.

Nesse caso, um paradigma processual feminista ajuda feministas a terem mais cautela ao usar metáforas e hábitos de pensamento bíblicos. Em uma ética processual feminista de libertação, a ação ética estaria inspirada por sentir os sentimentos de outras pessoas e fundada na compreensão de que o sentido da vida no corpo e no mundo é ser desfrutada por todos os indivíduos no mundo. Levaria em conta a construção social da realidade e o caráter institucional da opressão, declararia os seres humanos como responsáveis pela criação de estruturas de justiça e injustiça. No entanto, também reconheceria que não estamos sozinhos em nosso sofrimento, nossa alegria e na nossa luta de criar um mundo melhor. O poder divino está sempre presente, compartilhando nosso sofrimento, ajudando-nos a encontrar um caminho e encorajando-nos a co-criar um mundo mais cheio de alegria. Acredito que essa é a única base firme para uma ética espiritual feminista.

A compreensão que a filosofia do processo tem do poder divino como poder com, não poder sobre, deixa claro que os símbolos de Deus como um outro masculino dominador não são apropriados. Novos símbolos do divino como feminino e do divino como masculino devem ser criados ou descobertos. Também, aqui, a filosofia do processo pode nos ajudar. A filosofia do processo entende cada momento como uma nova síntese criativa do passado. Essa compreensão pode nos ajudar a ver que o processo feminista de "re-imaginar", de formar novos símbolos usando os recursos das tradições, não é novo. Tradições israelitas antigas, cristãs primitivas, muçulmanas, hindus e budistas foram formadas por um processo de re-imaginar criativamente símbolos religiosos existentes, a partir de novos pontos de vista. O re-imaginar feminista não é um abandono do caminho pelo qual símbolos sempre foram criados, senão uma continuação

dele. O que pode ser diferente é que estamos conscientes da nossa parte no processo da criação de símbolos. Enquanto podemos dizer que novos símbolos estão inspirados por nossas experiências de Deusa/Deus, feministas também reconhecem que símbolos são criados por seres humanos. Porque conhecemos o potencial que símbolos religiosos têm para curar e para fazer mal, reconhecemos a necessidade de assegurar que os símbolos que criamos aumentam e afirmam vida.

A filosofia do processo também oferece um quadro de referência que pode ser útil quando re-imaginamos símbolos. Por exemplo, a filosofia do processo entende o poder divino como relacional. O poder divino responde com perfeita simpatia às vidas de todos os indivíduos no mundo. Essa compreensão mostra que são apropriados o conceito pessoal do poder divino como um poder que se preocupa com o destino do mundo, e a oração dirigida a um poder divino compreendido como um poder "conosco" em nossas vidas. O *insight* da filosofia do processo, de que o mundo é o corpo da divindade, mostra que é apropriado usar imagens femininas, masculinas e não-humanas – inclusive imagens do mundo animal, celular e mineral – para expressar a compreensão de que tudo está "em" Deusa/Deus e de que Deusa/Deus está plenamente presente "no" mundo. A compreensão da filosofia do processo do poder divino como poder com, não poder sobre, pode nos ajudar a nos cuidar de não re-introduzir, inconscientemente, nas re-imaginações feministas do divino no mundo imagens de dominação, inclusive imagens provenientes de qualquer tradição hierárquica ou violenta. Quando sondamos tradições e usamos nossos poderes criativos, é útil ter um quadro de referência que pode nos ajudar a reconhecer imagens que afirmam a vida e a explicar (ou defender) seu uso a outras pessoas. A filosofia do processo pode nos ajudar também a tornar conscientes as implicações filosóficas subjacentes ao ato de re-imaginar o divino no mundo.

Como parte do processo de re-imaginar o divino no mundo como Deusa, eu re-escrevi a oração católico-romana tradicional, conhecida como "Ave Maria". Sendo que tenho bastante certeza de que muitas das orações que identificamos como cristãs ou judaicas são re-imaginações de tradições pagãs, considero natural continuar o processo de re-imaginar. Re-escrever cânticos e orações tradicionais não é um exercício exclusivamente intelectual, embora o intelecto tenha nele seu papel. Às vezes, palavras novas me vêm enquanto estou tomando um banho, ou durante um ritual. Em outros momentos, eu vivo durante semanas ou meses no processo de re-imaginar, antes que as palavras me soem certas. Eu re-imaginei a oração do "Ave Maria" depois que ela me viesse à mente quando estava diante de um ícone da *Panhágia* (um título grego de Maria que traduzo como "Ela Que É Toda Santa") em Creta. Eu senti que seria bom saber de cor uma oração para todas as ocasiões, de forma que eu pudesse usá-la quando precisava. No entanto, as palavras do "Ave Maria" tradicional já não expressavam minha compreensão. Assim, eu o re-imaginei como "Ave Deusa"²¹. Outras pessoas podem preferir dizer "Ave Sofia" ou "Ave Shekinah".

Ave, Deusa cheia de graça!
Bendita és tu,
e benditos são todos os frutos de teu ventre.
Mãe Toda Santa de Tudo!
Esteja conosco, agora e na hora da nossa necessidade.
Bendito seja. (ou: Amém!)

Do jeito como eu a re-imaginei, essa oração expressa a idéia de que o poder divino está "no" mundo inteiro e "conosco" em nossa vida co-

tidiana. Na oração tradicional, Maria é a mediadora entre os seres humanos e um Deus distante e julgador. Na minha oração, a própria Deusa é entendida como estando presente e se preocupando com nossas vidas. No Ave Maria, Maria é bendita pelo fruto sem igual e especial de seu ventre, Jesus. Na minha oração, todos os frutos do ventre da Deusa, todos os indivíduos no mundo, humanos e não-humanos, são igualmente benditos. Em vez de pedir Maria para "rogar por nós pecadores," eu peço a Deusa para "estar conosco". De acordo com a compreensão processual, o poder divino sempre está "conosco," e o propósito da oração é colocar-nos conscientemente em relação com a divindade. Omiti a palavra "pecadores" que implica que a relação primária do poder divino com nossas vidas é de julgamento: recompensa no céu ou castigo no inferno. Mudei as últimas palavras da oração de "na hora de nossa morte" para "na hora da nossa necessidade", para sublinhar o fato de que, na compreensão feminista e processual, a morte não é como tradições clássicas imaginaram – o inimigo da vida.

Uma outra oração que re-escrevi é a bênção tradicional. Eu a re-imaginei quando os Estados Unidos estavam preparando a invasão do Iraque, entendendo-a como uma chamada para resistir contra a guerra e trabalhar para criar paz na terra. Na bênção original, o padre ou ministro pede que o Senhor nos abençoe e nos guarde, que a luz de sua face brilhe sobre nós, e que Ele nos dê paz. Isso reflete a compreensão tradicional do poder divino como poder sobre, "lá fora", como a luz do sol que ilumina um planeta escuro. Ao identificar o poder divino com luz, mas não com escuridão, a bênção contém hábitos racistas de pensamento. Atribuindo o poder para dar paz a Deus, ela nega o papel da escolha humana na criação de guerra e paz. Na bênção re-imaginada, a comunidade pede que o poder divino como Sabedoria (Sofia) more dentro de nós. Ela entende o poder divino como poder com, inspirando-nos a co-criar paz na terra.

21. Estou contente quando outras pessoas usam essa oração em rituais ou liturgias, atribuindo-a a Carol P. Christ, quando impressa. As palavras originais da oração são: "Ave Maria, cheia de graça; o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém."

Deusa nos abençoe e nos guarde.
Sabedoria more dentro de nós.
Criemos paz.²²
Abençoado seja.

Concluindo, quero animar mulheres e homens de todos os lugares a buscar a Deusa nas suas próprias experiências e tradições, a pronunciar seu nome corajosa e amplamente, e a explorar as possibilidades inerentes a um paradigma processual feminista, para articular uma compreensão radicalmente nova do poder divino e humano na rede da vida.

Bibliografia

- ALLEN, Paula Gunn. *The Sacred Hoop*. Boston: Beacon Press, 1986.
- CAPRA, Frijof e SPRETNAK, Charlene. *Green Politics*. New York: Dutton, 1984.
- CHRIST, Carol P. *Rebirth of the Goddess*. New York: Routledge, 1998 (1997).
- _____. *She Who Changes*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- _____. *Del Cielo a la Tierra: una antología teológica feminista*. Santiago – Chile: Sello Azul. Editorial de Mujeres, 1994. [s. pp.].
- DALY, Mary. *Beyond God the Father*. Boston: Beacon Press, 1973.
- GIMBUTAS, Marija. *The Language of the Goddess*. São Francisco: Harper & Row, 1989.
- GOLDENBERG, Naomi. Witches and Words. In: *Feminist Theology*, 12/2, [s.d.]. p. 203-211.
- HARTSHORNE, Charles. Pantheism and Panentheism. In: *The Encyclopedia of Religion*, v.11. New York: Macmillan, 1987, p. 168.
- HARUACH, Miri Hunter. *You Acting Womanish: the queen of sheba as an ancestral grandmother*, 2002. (Meetings of the American Academy of Religion).
- HUCKS, Tracey E. *Burning with a Flame in America: african american women in african-derived traditions*. In: *Journal of Feminist Studies in Religion*, 17/2. 2001, p. 89-106.
- PLASKOW, Judith. The Right Question Is Theological. In: *On Being a Jewish Feminist*. New York: Schocken Books, 1983, p. 230.
- RAPHAEL, Melissa. *Introducing Theology*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999.
- RAZAK, Arisika. *I Found God in Myself: sacred images of african and african-american women* 2002 (Meetings of the American Academy of Religion).
- RIGOLIOSSO, Marguerite. Interview with Starhawk. In: *Feminist Theology* 13/2 [s.d.]. p. 178.
- ROUNTREE, Kathryn. *Embracing the Witch and the Goddess*. London: Routledge, 2003.
- SHANGE, Ntozake. *Play For Colored Girls Who Have Considered Suicide When The Rainbow Is ENUF*. New York: Macmillan, 1976.
- SOJOURNER, Sabrina. In the House of Yemanjá: The Goddess Heritage of Black Women. In: *My Soul is a Witness*. Boston: Beacon Press, 1995.
- STARHAWK. *Webs of Power*. Gabriola Island, British Columbia, Canada, 2003.
- TEISH, Luisah. *Jambalaya*. San Francisco: Harper, 1985.
- _____. *Carnival of the Spirit*. San Francisco: Harper, 1994.
- VEAUX, Alexis de. *Warrior Poet*. New York: W.W. Norton, 2004.
- WALKER, Alice. The Only Reason You Want to Go to Heaven. In: *Anything We Love Can Be Saved*. New York: Ballantine Books, 1997, p. 25-6.
- _____. *The Color Purple*. New York: Pocket Books, 1983.

22. Minha versão pode ser usada se atribuída a Carol P. Crist quando impressa. Na primeira linha, "Deusa" pode ser substituído por Shekinah ou Sofia. Uma versão tradicional da bênção reza: "O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça brilhar sobre ti sua face e tenha piedade de ti. O Senhor te mostre sua face e te dê a paz".